

Nota do Organizador: reproduzidas da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos v. 11 n. 29, p. 71-88, jul./ago. 1947.

Estas Instruções fazem parte de documentação sobre a Campanha de Educação de Adultos publicadas neste número da Revista, iniciada na pág. 62 com a transcrição de atos normativos.

INSTRUÇÕES AOS PROFESSORES DE ENSINO SUPLETIVO

I. O PROFESSOR E A CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Sr. Professor — Ao assumirdes a regência de uma classe de ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos, cumpris uma das mais belas tarefas de vossa missão de educador. Onde quer que trabalheis, nas cidades ou nos campos, estareis colaborando num grande movimento de redenção nacional e humana: antes de tudo, concorreis para que milhares e milhares de nossos patrícios sejam chamados ao convívio universal, recebendo aquelas idéias e aquêles princípios que estão na base de tóda condição humana, e que são de difficilima, senão de impossível aquisição, sem a aprendizagem da leitura; depois, estareis concorrendo, direta e decisivamente para a elevação do homem brasileiro, do cidadão de nossa pátria, do produtor de nossas riquezas, do defensor de nossa língua, nossas tradições e nossas crenças.

2. A grande campanha que abraçastes não é apenas a de *alfabetizar*. Isso é importante; isso é fundamental; isso é, por assim dizer, preliminar. Mas, não é tudo. Será preciso ensinar a ler, com viva demonstração das vantagens da leitura na aquisição de novas idéias e no esclarecimento de ideais e aspirações. A leitura é apenas instrumento de comunicação; mas por isso, capaz de servir à auto-educação, à elevação constante de cada um, pelo seu próprio esforço. Com a aprendizagem da leitura cada adolescente ou adulto ficará mais preparado para desenvolver-se por si mesmo: para saber como conservar a saúde, como ganhar mais dinheiro, manter uma casa, encaminhar um negócio, ajudar a pátria, chegar a ser mais feliz com a própria família.

3. Nenhum problema é resolvido só com a difusão da leitura e da escrita. Nenhum. Mas *todos os problemas* — quaisquer que sejam, pequenos e grandes, na vida individual e na vida social, todos sem exceção de um só — tornam-se de mais fácil resolução quando o povo em sua maioria saiba ler. Não há saúde, sem que o povo se instrua sobre os recursos de defesa sanitária. Não há riqueza sem conhecimento dos meios modernos de produção. Não há vida equilibrada, sem conhecimento dos direitos e deveres do cidadão. Não há justiça, sem noção das obrigações fundamentais do homem e das prerrogativas que a Constituição e as leis a todos concedem. Não há defesa nacional, sem que os cidadãos saibam o que devam realmente defender, como, quando e onde o devam fazer. Não há mesmo completa formação religiosa, sem que o espirito de cada um se ponha em mais direito contacto com as grandes revelações escritas sobre o mundo, a natureza e o homem.

4. Ao assumir uma classe de ensino supletivo, haveis de educar, no mais alto e mais completo sentido do termo. Sem dúvida que, ao ensinardes crianças, cumpris missão da mais alta importância, porque concorreis para preparar o futuro. Mas, ao ensinardes adolescentes e adultos, preparais o presente, porque atuais já nesta hora, neste mesmo momento, sobre indivíduos que estão participando direta e extensamente da vida social. E, com isso, auxiliais também o futuro, fortaleceis de muito o grande esforço que fazeis para educar as crianças: — pais instruídos dificilmente permitem que seus filhos cresçam na ignorância; pais instruídos mais facilmente aceitam a ação da escola e a reforçam; pais instruídos produzem mais, aumentando a riqueza do país, com o que permitirão, também haja mais e melhores escolas. Lembrai-vos, portanto, de que, ainda por amor às crianças, é que devemos educar adolescentes e adultos.

5. Mas, com crianças ou adultos, nenhum esforço do Governo por mais oportuno, nenhum plano geral por mais bem concebido, nenhuma grande despesa, nenhum artifício de administração, poderão suprir a ação do mestre, a ação do educador, o VOSSO trabalho real de formação humana. Sim, Sr. Professor! tudo o que se faz em matéria de educação pública é ação do mestre, a VOSSA própria ação. Deveis refletir nisto: esta Campanha se apresenta como a VOSSA CAMPANHA, a Campanha de cada mestre. Esta é a vossa hora, êste é o vosso momento de patenteardes por grande esforço comum, no norte e no sul, no litoral e no sertão, o VOSSO grande poder de fazer o bem, de melhorar o Brasil e de cooperar para a felicidade coletiva, a ordem, a riqueza e a paz.

6. Entusiasmo, para vencer os timoratos e os descrentes; confiança em vós mesmos, para que triunfeis sôbre as próprias dúvidas e desânimos; paciência e humildade cristã, para compreenderdes e suportardes os erros e as fraquezas dos demais; energia serena, mas persistente, para que cada pequenino esforço possa ser consolidado — fortaleza moral, numa palavra — tudo isso é esperado de vós, nesta hora de execução do mais amplo e mais belo esforço já tentado pelos educadores brasileiros, pelos vossos colegas de todo o país, por VÓS MESMO.

7. Mas, com isso, ou a fim de que tudo isso realmente valha, e tudo isso possa vencer, torna-se necessário que atenteis para os princípios técnicos de vosso próprio trabalho. Ensinar a adolescentes e adultos requer atitude especial da parte do professor, de VOSSA parte; há pequeninos cuidados, muito simples, aliás, e que são, no entanto, da maior importância para o êxito geral da tarefa. As instruções, que a seguir se apresentam, consideram os mais importantes dêsses pontos e merecem a vossa atenção, hoje, e a cada passo, no trabalho de todo o ano.

II. PONTOS GERAIS A ATENDER NO ENSINO DE ADOLESCENTES E ADULTOS

8. O primeiro ponto que deveis ter em mente é que *ensinar a adolescentes e a adultos é mais fácil do que ensinar a crianças. Mais fácil, mais rápido, mais simples.* Esta é uma das conclusões de inúmeras experiências feitas nos mais diversos países, com absoluto rigor científico. De modo geral, pode-se ensinar a um adolescente, ou adulto, na metade do tempo necessário ao ensino da criança. E é fácil perceber por que: as crianças estão ainda em crescimento, são menos capazes de esforço continuado e de atenção concentrada; não possuem

maior desenvolvimento de certas capacidades, de vocabulário, de experiência real da vida. Por outro lado, não podem ter perfeita compreensão de ordem no trabalho, pois agem por impulsos de momento. Ao contrário, o adolescente, ou adulto, que procure uma escola, como que assume consigo mesmo o compromisso de aprender bem e depressa. Salvo diferenças individuais (que existem, é claro, também nas crianças), *os adultos só por serem adultos, não estão incapacitados para a aprendizagem, não são, só pela idade, "cabeças duras"*.

9. No entanto, há um segundo ponto, que compete não esquecer nunca, para boa compreensão dêsse primeiro. É que, tendo assim maior capacidade mental, ou capacidade para aprender mais rápida e facilmente, o adolescente analfabeto e, sobretudo, o adulto analfabeto, sente-se muitas vêzes desencorajado, por temor de que não possa aprender ou de que esteja sempre errando nas lições, de que sirva de motivo para zombaria e crítica. Diz-se que êle tem um "sentimento de inferioridade", isto é, que se julga inferior aos demais, aos que saibam ler; êle se envergonha disso, diante do próprio mestre, que lhe parece sempre e em tudo "superior" a êle.

10. Ao professor, desde os primeiros contactos com os alunos — e êste é o terceiro ponto que deveis ter em mente — cumprirá tudo fazer para que êsse "sentimento de inferioridade" se atenuie e, por fim, desapareça. O professor precisa mostrar-se compreensivo e humano, tratando a todos não sô com urbanidade, mas, com a maior consideração pessoal. Será preciso que o adulto analfabeto não se sinta como "criança de escola", mas como um vosso colaborador, na obra que ides realizar. Desde as primeiras aulas deveis influir no sentido de que êle compreenda que *não é velho demais para aprender*; pelo contrário, que pode e deve aprender rápida e agradavelmente. Para isso, duas medidas hão de ser postas em prática: gradação insensível nas primeiras lições de leitura e escrita, de modo que todos percebam que estão aprendendo, que estão vencendo; e o uso de lições orais, sôbre questões úteis (noções simples de saúde, de vida comum, de civismo, de história, de geografia), para que os alunos sintam que a freqüência às aulas lhes é imediatamente vantajosa e percebam que estão aprendendo, ou sistematizando muito dos conhecimentos que já possuem. Com isso verificam que há terreno comum de conhecimentos, em que não são inferiores, sentindo-se, assim, encorajados.

11. Uma das formas que muito animam ao adulto analfabeto, e que será sempre útil à aprendizagem, como também ao espírito geral desta Campanha, é a de aconselhar que êle vá ensinando a outro analfabeto, em sua própria casa, ou na vizinhan-

ça, cada lição aprendida. "O Senhor (ou você, como convenha dizer segundo a idade) já sabe tão bem esta lição que pode ensiná-la a alguém. Há outra pessoa que *não saiba ler* em casa?... (Não useis a palavra analfabeto). Comece a ensiná-la desde já. Verá como é fácil..." Por essa forma a lição se fixará indelêvelmente no espírito de cada um. Nunca aprendemos realmente uma coisa senão quando decidimos fazer emprêgo dela. Por outro lado, dareis com isso ao aluno motivo para aprêço por si mesmo: êle já passará a figurar entre os que podem repartir aquilo que sabem com os que não sabem. Tereis ensinado a cooperação e o espírito de solidariedade social. O Brasil precisa disto. Isto é educação, e educação democrática, no melhor sentido da palavra.

12. Não deveis demonstrar *nunca* impaciência ou descrença da capacidade de aprender do adulto. Nunca useis de expressões tais como "*Está errado! Mas, ainda não sabe isso?... Qual! você não aprende mesmo!... Todos já aprenderam e você não!*" Essa atitude algumas vêzes, e só algumas vêzes, será produtiva com as crianças; mas, com o adolescente e especialmente com o adulto analfabeto, será prejudicial. O que deveis fazer, ao invés disso, é acentuar, sempre tôdas as pequeninas vitórias de cada um dos vossos alunõs. Não vos canséis de dizer: "*Muito bem! Você está aprendendo muito depressa! Que facilidade você tem para aprender!*" ou expressões semelhantes, em ocasiões oportunas, em tom sincero. Lembrai-vos de que uma das grandes aspirações de cada pessoa é a de que se descubra nela alguma capacidade ou talento particular. Se fordes o descobridor dêsse talento, em cada um de vossos alunos, tereis nêles amigos agradecidos por tôda a vida.

13. Tôdas estas observações, que talvez a vós já tenham ocorrido, destinam-se apenas a salientar a importância da vossa atitude em face dos alunos. *A maneira pela qual procedais, como pessoa, no ensino, em face de vossos discípulos, como pessoas dotadas de sensibilidade, é tão importante com o método da aprendizagem; ou melhor, será mesmo a parte essencial dêsse método.* Lembrai-vos sempre de que o adolescente e o adulto analfabeto, em 99% dos casos, têm ardente desejo de aprender. O que lhes falta é quem os anime nesse sadio propósito, quem os auxilie a vencer a distância social que o analfabetismo representa.

14. Haverá necessidade, pois, de proceder de maneira que o aluno sinta que está aprendendo, e que pode aprender, desde as primeiras lições. Se, no decorrer das duas primeiras sema-

nas não chegar a aprender nada, dificilmente voltará êle às aulas. Vossa responsabilidade está assim em jôgo: vossa responsabilidade de professor e, sobretudo, de pessoa que se dispõe a cooperar nesta grande obra humana e patriótica, que é a VOSSA CAMPANHA.

III. EMPRÊGO DO PRIMEIRO GUIA DE LEITURA "LER"

a) *Observações gerais*

15. Atendendo aos princípios já explanados, editou o Serviço de Educação de Adultos um folheto para aprendizagem inicial, sob o título "Primeira Guia de Leitura", "Ler", organizado por competente Comissão de Professôras. Outros dois folhetos, em seguimento a êsse, estão sendo impressos, para distribuição oportuna: "Saber", "Viver".

16. O primeiro folheto é a "cartilha" ou, mais claramente ainda, a primeira parte de uma cartilha para adolescentes e adultos. Com vossos alunos, não deveis usar do nome de "cartilha", e sim, sempre, da expressão "Guia de Leitura". Cartilha é tipicamente infantil. Guia de Leitura soará melhor ao ouvido do adulto analfabeto.

17. Se examinardes atentamente êsse Guia, baseado de modo geral no sistema de Laubach, verei que as lições para a aprendizagem inicial se dispõem em três partes de complexidade crescente. A primeira só se utiliza de vogais e de consoantes que aí aparecem sempre com os mesmos valores (b, l, t, v, n); a segunda apresenta consoantes que alteram de modo diverso a vogal quando apareçam antes ou depois dela (s, r, l, m, n); e, enfim, a terceira oferece grupos consonantais (ch, lh, nh, br, bl, etc.), e consoantes de duplo efeito, como c e g. A segunda e a terceira parte recapitulam a matéria anterior. Desde a primeira, há formação, de numerosas palavras e de muitas sentenças. Já na lição inicial o aluno será levado a ler palavras e tôda uma sentença, o que lhe será grata surpresa.

18. O processo em que está baseado o Guia é, porém, o da "silabação", ou de ensino por sílabas, assim apresentadas para serem dominadas como unidades da língua escrita, nessa primeira fase, mas, aí também combinadas em novas palavras. A Comissão organizadora do Guia deu preferência a êsse processo, por várias razões: a) porque, na prática do ensino de adultos, êle se tem revelado como mais produtivo; b) porque, compreendido o processo pelo aluno, desde as primeiras lições,

com o auxílio das “palavras-chaves” que em cada lição se apresentam, e que aparecem repetidas, nas lições seguintes, êle caminhará por si, dominando facilmente novas palavras; c) e, enfim, porque, sendo êsse processo perfeitamente conhecido da totalidade do magistério, será de mais fácil emprêgo pelos professôres e, ainda, por voluntários individuais, que, em sua maioria, hajam por êle aprendido; d) será também praticável pelos próprios alunos, que se animem a ensinar outros analfabetos em suas casas, ou na vizinhança, lição por lição.






19. Para evitar a apresentação isolada da sílaba, o ponto de partida é o de “palavras-chaves”, ou de palavras de onde a sílaba se destaca, de modo natural, depois de pequenino exercício dos sons dessas palavras, pelo próprio aluno. Não useis, portanto, da “soletração”, nem ensineis as consoantes isoladas, mas sempre unidas às vogais. Com isso mais facilmente o aluno se preparará para a leitura corrente. As “palavras-chaves” são apoiadas em desenhos claros e simples, em tamanho grande, sempre que aparecem pela primeira vez. São repetidas depois, no alto da página seguinte, em tamanho menor, para maior fixação, e para que permitam exercícios de *descoberta* de palavras novas pelos próprios alunos. Experiências feitas com o Guia confirmaram a possibilidade dessa aprendizagem ativa, da parte de adolescentes e adultos, depois de quatro ou cinco das primeiras lições.

20. Aconselha-se o ensino conjunto da leitura e da escrita, desde a segunda lição. Destacam-se logo, nesses modelos, as vogais; depois, consoantes maiúsculas e minúsculas, as quais deverão ser chamadas, a princípio, de “letra da palavra navio”, “letra da palavra dado” etc. Tereis a liberdade de fazer variar os modelos, livremente, desde que useis, em cada lição, tão somente das sílabas até então aprendidas. A única exceção é a do *nome do aluno*, a ser escrito por vós na capa do Guia, no lugar indicado, desde o primeiro dia de aula, e em letra bastante clara, a fim de que possa ser copiado.

b) As primeiras lições

21. Dentro das normas gerais estabelecidas, tendes liberdade de adaptar o ensino aos vossos próprios recursos didáticos. Dão-se, porém, a seguir, explicações mais minuciosas para o bom emprêgo das primeiras lições, com as quais será possível também o *ensino coletivo*, isto é, dirigido a toda a classe, de uma só vez.

22. 1.^a Lição — a) Todos os alunos terão o Guia de Leitura em mãos, aberto na página 2. Direis algumas palavras de encorajamento, insistindo em que a aprendizagem da leitura será fácil. Começareis por pedir que olhem para os desenhos da

	asa	a	a	a	a
	elo	e	e	e	e
	ilha	i	i	i	i
	ovo	o	o	o	o
	uva	u	u	u	u

a e i o u

e a o i u

eu ia à ilha

página. “Aqui está uma asa. Em baixo está um elo, ou um anel de corrente. Depois, uma ilha. E depois?... e depois?.. Obtidas as respostas, direis: “*Lendo os desenhos, podemos agora dizer: Asa, elo, ilha, ovo, uva*”. Pedireis a um aluno que repita essas palavras, em voz alta, e que os demais o acompanhem silenciosamente.

b) “Todos sabem ler desenhos. Agora vamos ler as palavras. O desenho representa a figura de cada coisa. A escrita representa os sons de cada palavra. Adiante do desenho de *asa* está escrito *asa*.” (E assim

fareis até a palavra *uva*). “Qual é a primeira palavra? *Asa*. Reparem que a palavra *asa* tem dois sons (diz-se em duas vêzes; diz-se em dois movimentos) — *a* — *sa*. Qual é o primeiro som? *a*. Vamos ler, então, tudo o que está escrito nessa linha: *A-sa; a; a; a; a*.” (Proceder igualmente com *elo e e; ilha e i; ovo e o; uva e u*). Levai logo os alunos a observar a particularidade da forma de cada vogal: “*a*, de *asa*, tem uma asinha por cima; *e*, de *elo*, parece um elo amassado; *i*, de *ilha*, tem um pingo, que é uma ilhazinha, por cima; *o*, de *ovo*, é um ovo mesmo; *u*, de *uva*, é a única letra aberta por cima.”

c) Pedi a um aluno que leia as cinco letras, recomendando que os demais sigam a leitura, olhando para o livro. Pedi que leiam agora a linha *a, e, i, o, u*, e depois a seguinte. Direis que estão aprendendo depressa, porque já aprenderam a metade dos sons que estão, *sempre, em tôdas as palavras*. Pedi a um aluno que diga um palavra qualquer, o seu nome, por exemplo. Mostre que nesse nome há um ou mais desses sons, separados ou combinados. “Isso é que iremos aprender.

Os sons também se combinam, e se ajuntam em casais, dois a dois, três a três... Vamos ver isto aqui mesmo, nesta lição. na última linha. Aqui está um *e*, de elo, e um *u*, de uva. Vamos dizer os dois sons, um logo depois do outro: *e - u, eu*. E, adiante?... Um *i*, de ilha e um *a*, de asa. Vamos dizer os dois, um depois do outro: *i - a, ia*. Aparece um outro *a* separado. *Eu, ia, a*. Vem adiante uma palavra que todos já conhecemos: *ilha*. Agora vamos ler tudo: *eu ia à ilha*."

d) Pedi, a um e a outro, que leiam a frase. Depois, tôda a página. Todos quantos quiserem. Animaí todos a ler. Pedi a outros que só leiam as linhas abaixo das figuras. Usai do quadro negro para as palavras e os sons da lição, utilizando por ora só letras de imprensa, sempre minúsculas. Se a classe ainda não tiver quadro negro (deveis tratar de obtê-lo), preparai alguns cartões, ou pedaços de papel, com as letras reproduzidas em tamanho grande.

e) Durante todo o trabalho, não vos impacientes. O segredo para andar depressa é fixar cuidadosamente estas primeiras lições. Vinte minutos bastarão para que a classe tôda fixe a lição inicial. Declarai, então, que a classe aprendeu rapidamente, e que cada um já poderá ensinar essa lição a uma pessoa de sua casa, ou a um vizinho, que ainda não saiba ler. Cada um já poderá ser "mestre" nessa lição.

f) A seguir, passará o professor a falar das vantagens da leitura. Ela nos abre um mundo novo. Todos os segredos da vida estão escritos nos livros. Quem aprende a ler pode conhecê-los e instruir-se por si. Muitas e muitas pessoas, que se têm tornado grandes figuras, aprenderam a ler tarde, quando rapazes ou mesmo quando homens. Abraão Lincoln, que foi um grande presidente dos Estados Unidos, aprendeu a ler quando mocinho. Um antigo presidente do Estado do Ceará, que foi um ilustre parlamentar e advogado, não se envergonhava de dizer que só tinha aprendido a ler aos dezessete anos. Luiz Gama, que era escravo, e que chegou a ser escritor e orador de fama, só aprendeu a ler aos dezessete anos. Não é vergonhoso não saber. Vergonhoso é não desejar aprender. Depois de palestra assim estimuladora, pedi aos alunos que abram de novo o Guia de Leitura, para uma verificação necessária, e que é a de saber *se todos distinguem as letras pequeninas do fim de cada linha*. (Há adultos que não chegam a aprender, unicamente porque não vêm bem. Terão necessidade de óculos. Observai este ponto).

23. 2.^a Lição — a) Começai por fazer um repasse geral da 1.^a lição, no livro e no quadro, a fim de verificar se as vogais estão bem dominadas. Não deveis passar a nova lição sem que seja feita essa verificação. Pedi, então, que todos olhem para a 2.^a lição. “Olhem em cima as figurinhas que já conhecem: *asa, elo, etc.*”



Em baixo de cada uma está o primeiro som da palavra que cada uma dessas figuras representa. Olhem para as linhas em baixo. Todos esses sons aí aparecem, às vezes sózinhos, às vezes juntos com outras letras, que não soam em separado. Querem ver? Olhem para essa figura maior. É uma bola. Adiante está escrita a palavra *bola*. Quantos sons tem a palavra *bola*?...



bola

bo la

ba	be	bi	bo	bu
la	le	li	lo	lu

bo la
bo le
bo lo
bo a
boi

be ba
be be
be bi
be bo
be beu

ba la
be la
bu le
bu li
bai le

a ba	a la	e lo	e le	e la
	eu	ia	ao	bai le

Dois: *bo - la*. Esses sons estão outra vez, mais adiante, um pouco separados: *bo - la*. Nas duas

bola bola bola

linhas de baixo esses mesmos sons aparecem também separados. Procurem o pedacinho *bo*, nesta linha (mostrando). Procurem agora o pedacinho *la*, nesta outra. Esses outros pedacinhos da linha de cima se dizem *ba, be, bi, bu*. Como se dirão os de baixo?..." Com perguntas deste gênero, levai cada um a descobrir por si mesmo tudo quanto possa descobrir. Todas as vezes que o aluno chegar a acertar por si, mais se encorajará e mais se habilitará a aprender. (Esta é a grande diferença entre o ensino de adultos e o de crianças: *se bem conduzido, o adulto passa a descobrir por si*). Dominadas essas sílabas, que não devem ser soletradas (*não se dirá b-a ba*), encorajai os alunos a ler as palavras que vêm na primeira coluna, à esquerda, descobrindo nelas os pedacinhos que já conheçam. "Cada pedacinho, que se chama *sílaba*, está um pouco separado do outro. É só comparar com os que estão em cima, e que já conhecem. Toda vez que aparece esta sílaba é sempre *ba*. Esta é sempre *be* etc." Decifrada a primeira coluna, passar à segunda e à terceira, e, depois, às palavras finais, com exercícios no

quadro negro. Se sentirdes que a classe se fatiga, ou se embaraça, ficai no momento só nas palavras da primeira coluna, ou só nas da segunda.

b) Pedi então aos alunos que copiem o modelo, em manuscrito, que vem no fim da página: *bola, bola, bola*. A escrita deverá ser a lápis, e orientada da seguinte forma: “Aqui está, em escrita de mão, a palavra *bola*, que, como já vimos, tem dois sons; *bo-la*. O som *bo*, em letras de mão, se escreve assim (indicar no quadro negro): para cima, para baixo, um lacinho; agora uma rodinha, sempre começando por cima. Isto é *bo*. Vamos ver outra vez”. (Escrever próximo e mostrar que ali está uma palavra que não é *bola*). “Que é?” Fazer o mesmo com a sílaba *la*: “para cima, para baixo; uma rodinha, sempre começando por cima. E como é agora um *a* e não um *o*, a rodinha tem aqui uma asinha. O *o*, de *bo*, é uma rodinha. O *a*, de *la*, tem uma asinha”. Pedi que copiem o modelo várias vezes, a lápis, em papel pautado ou sem pauta, isso será indiferente. Observai a escrita, encorajai os mais tímidos, dizeis que o trabalho vai bem, quaisquer que sejam as garatujas.

c) Conversai, então, com os alunos, seus nomes, onde residem, onde nasceram, onde trabalham. A propósito de algum aluno nascido em outra localidade, ou em outro Estado, experimentai rever as noções que os alunos tenham sobre o Brasil, no nível possível aos seus conhecimentos. Não façais exposição, ou dissertação. Conversai com naturalidade, admitindo perguntas, ou melhor, estimulando as perguntas. Os alunos devem sentir-se encorajados a conversar, a conviver, a compreender o que desejamos dêles.

d) Na última meia hora de aula, voltar à lição de leitura, insistindo nos elementos já conhecidos, dando novas combinações de sílabas já aprendidas, ou avançando na parte que não haja sido ainda estudada, nessa mesma segunda lição.

24. 3.^a Lição — a) Fazei repassar a 1.^a e a 2.^a lição, verificando se todos aprenderam. Se houver hesitação freqüente, procedei a novos exercícios, no livro e no quadro negro. *Será necessário não passar adiante sem que as lições anteriores hajam sido bem fixadas*. Não vos impacientes, e lembrai-vos de que o efeito dessas primeiras lições pode ser decisivo no encorajamento de muitos alunos. Se as duas lições estiverem dominadas, passai à terceira, procedendo, em tudo, de modo semelhante ao recomendado para a 2.^a Mostrai que, em cima, está a figurinha conhecida da *bola*, com as sílabas também já conhecidas: *ba, be, bi, bo, bu*. Observar que a palavra *lata* já tem uma sílaba conhecida — *la*. Fazer notar que as sílabas *ta, te, ti to*, etc. têm um traço, como se fôsse uma travessa. Fazei ler

os exercícios por colunas de palavras, pedindo sempre aos alunos que experimentem descobrir cada uma, pela comparação com os elementos já conhecidos e representados na mesma página.

b) Depois de meia hora, convidai os alunos ao exercício de escrita, explicando o modo de escrever cada palavra, no quadro negro.

c) Passai, então, a uma palestra, como já se indicou nas lições anteriores. A palestra poderá ser sobre as vantagens da escrita, a importância dos jornais e dos livros, da correspondência entre pessoas de uma mesma família, entre amigos, nos negócios, nas contas. Explicar que dantes se escrevia com pincel, sobre peles; depois com pena de pau, donde o nome de pena. A propósito das contas, verificar, oralmente, as noções que os alunos já tenham sobre números. O adulto e o adolescente, mesmo analfabetos, têm normalmente conhecimentos práticos de números. Aproveitai-os para pequenas questões *sempre oralmente*, nas primeiras lições. Só depois de várias aulas, é que deveis iniciar o ensino da escrita dos números. Toda a atenção, nessas primeiras lições, deverá ser dedicada ao trabalho da leitura.




25. 4.^a e 5.^a Lição — Em cada uma destas lições, procedei em tudo de modo idêntico ao indicado para 2.^a e 3.^a lição. Isto é: repasse das lições anteriores e iniciação de lição nova, se conveniente; exercício de escrita; palestra sobre um tema interessante de história ou de geografia, mais como conversa natural do que como aula sistemática; repasse final da leitura. A experiência mostra que para essas cinco primeiras lições é possível manter ensino coletivo, embora lento. A quase totalidade dos alunos pode acompanhar bem o trabalho por essa forma. Deveis preparar listas de muitas palavras, de possível organização com as sílabas já conhecidas, bem como pequenas frases, que podereis escrever em cartões ou em folhas de papel. Podereis, igualmente, preparar coleções de sílabas, em cartões, para combinações variadas. No quadro negro, ou em cartão grande, podereis escrever (sempre em letra de fôrma) grupos de palavras de duas ou três sílabas que permitam combinações, para a formação de novas palavras. O objetivo principal destas cinco primeiras lições não será o de fazer conhecer as sílabas, mas levar os alunos à compreensão da *estrutura silábica* regular da língua, e da representação uniforme *dos mesmos sons pelos mesmos sinais da escrita*. Alcançando este objetivo, estarão os alunos preparados a estudar por si o exercício da página 7, apresentado como feste geral desta parte do Guia. Não deveis falar em teste, ou prova, aos alunos; mas, pelo resultado que obtiverdes nêlo, podereis ter impressão

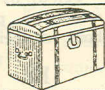
muito exata da marcha geral da aprendizagem na classe, e das diferenças individuais que os alunos apresentem. Essa lição deverá ser estudada pelos alunos, com o auxílio da *chave* que vem no alto da página. A lição será tomada, por vós, junto à vossa mesa, a cada aluno de per si.

c) As lições centrais

26. Lições 6.^a a 12.^a — Tal seja o resultado do trabalho, verificado como acima se explica, continuareis a proceder ao ensino coletivo, isto é, dirigido a tôda a classe, ou a grupos de alunos (dois ou três), classificados segundo os resultados demonstrados na aprendizagem. Neste caso, enquanto vos ocupais de um dos grupos, os demais deverão estar ocupados em exercício de escrita, ou de contas. Um dos alunos, que mais rapidamente aprenda, poderá servir como *monitor*, em seu grupo. *Voluntários* poderão eventualmente dar-vos auxílio nestas funções. Haverá sempre alunos que necessitem de ensino individual. Não os desprezeis!

27. Especial atenção deverá ser dada às lições 7.^a, 9.^a e 11.^a, nas quais se apresentam as consoantes *s, m, r*, e cujo efeito variável depende de se apresentarem elas *antes* ou *depois da vogal*. Cada uma das partes dessas lições deverá ser dada em aulas diversas; deveis ensinar primeiramente as sílabas *sa, se* etc., *ma, me*, etc., e só depois, as sílabas *as, es* etc., *am, em* etc. Já nessa altura da aprendizagem, êsse duplo emprêgo será facilmente vencido, especialmente se souberdes tirar o devido efeito dos exercícios indicados no próprio Guia para a inversão: *ma-la, mal, al, al-ma*, etc.

	dado	— da de di do du
	sapo	— sa se si so su
	pato	— pa pe pi po pu



mala ma me mi mo mu

má	ma pa	mo le	so ma
mão	ma to	mo lés ti a	su mo
ma mão	me de	ma le ta	se ma na
ma mão	mo da	ma lei ta	li ma
me mão	mu da	mu da do	li mão

	uma	um...	um	
am	em	im	om	um
bam bo	bem	mim	bom	um bu
tam bém	tem	sim	som	tum ba

— Be beu a li mo na da ?

— Sim. Eu a be bi to da. Não es ta va má.
A li mo na da é u ma bo a be bi da.

— E o Ma teus ?

— Ma teus be beu ma te.

Guia para a inversão: *Mateus bebeu mate. M m esse, ess, es... es-tu-do; ma-la, mal, al, al-ma*, etc.

28. A historieta da página 15 é apresentada como exercício de verificação de tôda a aprendizagem anterior. Se julgardes que

tôdas as lições anteriores estejam suficientemente dominadas, deveis pedir aos alunos que estudem a historietta por si sós. Fomai, então a lição de cada um em particular, como já teréis feito com o exercício da página 7. Se a maior parte da classe ainda demonstrar grande hesitação no domínio das palavras, deveis voltar a exercícios sôbre as combinações em que maior tenha sido o número de hesitações ou enganos. Deveis fazê-lo, porém, de modo a que os alunos não sintam tais exercícios como punição, ou volta atrás na aprendizagem. Sob o pretexto de fixar a leitura em *manuscrito*, podereis repetir, então, a maior parte das lições, escrevendo-as no quadro negro, ou apresentando-as em cartazes. Já, neste passo, o uso do manuscrito não apresentará maiores dificuldades.

29. Lições 13.^a a 19.^a —

Se estiverem bem dominadas as lições anteriores, a aprendizagem desta parte final será relativamente rápida. Dão-se aí as combinações *ch*, *lh*, *nh*, o som mudo do *h*, e adiante o *j*, *g* (duplo som), como também a combinação *qu*. Em lições especiais, aparecem as combinações *br*, *dr*, etc, e *bl*, *fl*, etc., como o duplo som de *z*, e os vários sons de *x*. Já, neste passo, o número de

palavras que podereis apresentar, em exercícios no quadro negro, será enorme. Deveis preparar listas de palavras novas, isoladas, ou em famílias (*ferro*, *ferreiro*, *ferradura*, etc.; *pedra*, *pedreiro*, *pedregosos*, etc.). Todo êsse material deverá ser sempre adaptado ao vocabulário e às preocupações normais do adolescente e do adulto: lista de profissões, lista de ferramentas, lista de gêneros, rol de roupa, etc. Como a escrita a esta altura estará desenvolvida, os alunos poderão copiar bilhetes e recibos, bem como escrever pequenas frases sob ditado. Normalmente, as 19 primeiras lições do Guia são vencidas em três meses para os alunos mais capazes; em quatro, para os demais.



chave — cha che chi cho chu



ilha — lha lhe lhi lho lhu



ninho nha nhe nhi nho nhu

ba nha	ma nha	a pa nha	mi nha	so nho
le nha	li nho	vi nho	pi nho	es pi nho
	u nha	ti nha	pi nhei ro	di nhei ro

— On de es tão os pi nhei ros de per to do mo i nho?

— Ven di-os e a pu rei bom di nhei ro. De le se pa rei u ma par te pa ra no vas mu das. Ár vo res dão bom di nhei ro em ma dei ra e le nha.

ha	he	hi	ho	hu
(a)	(e)	(i)	(o)	(u)

has te	he ra	hi no	ho ra	hu mor
há	ha vi a	ha ve rá		hu mij de

— Oh! seu Hei tor! A pa nhe os es pi nhos do chão. Po dem fe rí-lo. E o lhe tam bém e ssa has te de fe rro. Se o a pa nhar em chei o, a cul pa não se rá mi nha.

Neste ninho há 4 ovos. N n

d) *As lições finais*

30. Em seguimento à 19.^a lição, deveis dar o alfabeto na ordem natural das letras, com os seus nomes comuns (a, bê, cê, dê, e, ef, etc.), em maiúsculas e minúsculas, em letra de imprensa e em manuscrito. Será essa uma lição extra, a ser depois verificada pelo exercício da página 23. Pedireis a leitura dêsse exercício a cada aluno, individualmente. Os resultados vos habilitarão a prosseguir, ou repassar as lições anteriores. No caso de repasse, usareis do mesmo pretexto dos exercícios de escrita, como já se explicou antes. Os alunos deverão estar lendo com relativa facilidade, embora tendo de silabar muitas das palavras, sobretudo as mais longas. O esforço final terá de ser, então, o da prática da leitura corrente, em exercícios variados.

31. Lições 20.^a a 27.^a —

Para os primeiros exercícios de leitura corrente, servirão as lições finais.

Aconselha-se a que procedais da seguinte forma: primeiramente, **l e r e i s** cada uma dessas lições, pausadamente, mantendo os alunos o livro fechado; explicareis, a seguir, o sentido de cada sentença, desdobrando-lhe o sentido, ou fazendo, a respeito de cada uma delas, comentários oportunos; pedireis, então, que os alunos abram o livro e que sigam nova leitura, que fareis. Pedireis, por fim, a muitos alunos que leiam a lição em voz alta, cada um por sua vez, de modo corrente. Estará assim dominada a aprendizagem inicial da leitura, que será aperfeiçoada com as lições que se apresentarão no II e no III Guia.

Já sei ler

Já sei ler!

Posso entender qualquer palavra escrita.

E estou por isso muito contente.

Pudera! sinto-me como um cego a quem tivesse voltado a vista.

Todos os segredos da vida estão escritos. Agora poderei conhecê-los.

Poderei ler para aprender como se conserva a saúde, como se ganha mais dinheiro, como se pode manter uma casa, como se encaminha um negócio, como se ajuda a pátria, como se pode ser mais feliz com a família.

Todos os dias lerei alguma coisa, e, assim, poderei educar-me a mim mesmo.

Lerei o que está escrito sobre coisas verdadeiras e boas. A verdade é poderosa. Conhecendo a verdade, serei melhor e mais livre.

Vou ensinar alguém a ler como me ensinaram a mim.

Esse alguém terá o mesmo contentamento que tenho agora.

IV. ESBOÇO DE PROGRAMA E HORÁRIO

32. O ensino supletivo destinado a adolescentes e adultos analfabetos não se destina apenas a fazê-los aprender a ler e

a escrever. A campanha, que ora se estende por todo o país, visa, mais do que isso, fornecer noções educativas sôbre a saúde, o trabalho, os direitos e deveres da cidadania, como também conhecimentos relativos à geografia e história pátria, além de noções comuns de aritmética. Não se poderá pretender ensino perfeitamente sistemático de tôdas essas noções a serem adaptadas, aliás, às necessidades de cada um dos grupos de alunos, nas grandes cidades, ou nas vilas e povoados do interior. O que se poderá pretender, neste primeiro ano de trabalho, é a iniciação em tais conhecimentos, com a fixação de apenas alguns pontos básicos, a sistematização de noções já existentes e, sobretudo, o despertar da curiosidade e do gosto para maiores estudos.

33. Nenhum programa rígido vos é aqui apresentado, mas, simples sugestões que são as seguintes: *Leitura e escrita*: Domínio da aprendizagem inicial da leitura e da escrita; redação de bilhetes, cartas simples e recibos; ditado de frases simples; principais sinais de pontuação; abreviaturas correntes. *Aritmética*: Numeração; as quatro operações fundamentais; moeda nacional; pesos e medidas correntes; noções sôbre leitura de frações de uso comum, como meio, quarto, oitavo, décimo. *Geografia e história pátria*: O Brasil, limites; Estados e capitais; produção das várias regiões; agricultura, comércio e indústria. As grandes datas nacionais e os acontecimentos históricos a elas ligados; grandes figuras do Império e da República. *Cidadania*: A Constituição; o Governo Federal, os Estados e os Territórios; direitos e deveres dos cidadãos; a democracia e o voto, o serviço militar, os impostos, o registro civil; os Municípios, sua organização; o trabalho como dever social, direitos e deveres do trabalhador; noções de economia individual. *Higiene*; importância da saúde; noções de higiene da habitação, da alimentação, do corpo e do vestuário; combate a parasitas e insetos nocivos; cuidados a ter com a água e o leite; noções sôbre moléstias transmissíveis e meio de evitá-las, com adaptação aos problemas específicos de cada região; o álcool e seus grandes malefícios para a saúde e a vida social. (Para as classes femininas acrescentar-se-ão noções de puericultura e economia doméstica em palestras simples).

34. No decurso do ano receberéis material explicativo e textos relativos aos principais pontos do programa acima esboçado. Tôdas as noções deverão atender a questões práticas de imediata utilidade no ajustamento individual do adolescente e do adulto. Nada de conhecimentos teóricos complexos. Noções claras e simples, a serem desenvolvidas em estudos posteriores por meio de folhetos de educação da saúde e da cida-

дания. A todos os assuntos o professor deverá dar o maior interesse, procurando ligá-los aos problemas da vida da cidade, da vila, do povoado. A seriedade e a importância das noções não exclui a amenidade das explicações e a participação dos alunos nas aulas, com perguntas e observações próprias. Lembrai-vos de que os alunos vêm às aulas depois de um dia todo de trabalho e, portanto, fatigados. As explicações devem ser atraentes e vivas, com indicação de casos concretos, historietas, casos pitorescos. O aluno deve sentir-se atraído para o trabalho escolar, percebendo que nêle emprega bem as suas horas disponíveis e que elas lhe são agradáveis.

35. Por outro lado, a utilização eficiente do tempo será fator decisivo do êxito de todo o vosso ensino. O trabalho diário nas classes de ensino supletivo é de duas horas. Aproveitai-as da melhor forma, tornando cada momento útil. Aconselha-se, para êsse aproveitamento, que as duas horas sejam divididas em cinco tempos de 20 a 25 minutos, em média, cada um, com a seguinte seqüência: a) leitura; b) escrita; c) aritmética; d) explicação sobre geografia, história e cidadania (três vezes por semana), ou sobre educação da saúde (três vezes por semana); e) no tempo final, repasse da leitura, com a atenção especialmente voltada para os alunos que encontrem maior dificuldade.

36. Nos três primeiros meses, em que toda a atenção deverá ser dirigida para a aprendizagem da leitura e escrita, aconselha-se o emprêgo de quase toda a primeira hora nos exercícios dessa aprendizagem; a segunda hora será dividida em dois tempos; um, para as explicações orais (aritmética, três vezes por semana; demais noções, três vezes), e outro, para novos exercícios de leitura e verificação individual.

37. Nas classes em que se faça o ensino em dias alternados (ou seja em duas turmas, de reduzido número de alunos), a atenção individual a cada aluno, por parte do professor, será mais fácil. A adoção desse tipo de organização das classes está entregue ao critério dos Departamentos Estaduais de Educação, que o farão onde isso lhes pareça conveniente. Nesse caso, o horário deverá ser acomodado a tais condições de trabalho.

38. Quando, para o ensino da leitura, fôr necessário trabalhar com grupos diferentes de alunos, ou seções de adiantamento diverso, na mesma turma, o professor deverá igualmente acomodar o horário, de forma a haver o melhor aproveitamento de tempo, quer para o grupo a que se esteja dirigindo pessoalmente, quer para o outro, ou outros grupos, que estarão ocupados em escrita ou contas.

39. As experiências de ensino supletivo para adolescentes e adultos já realizadas em nosso país, como em muitos outros, têm demonstrado sua eficiência e enormes vantagens, quer do ponto de vista individual dos alunos, quer do ponto de vista social. A grande Campanha, que ora se desenvolve em todo o Brasil, não é apenas realização de técnica pedagógica, mas, sobretudo, *obra de entusiasmo patriótico e de elevada compreensão humana*. “A campanha de Educação de Adultos é uma nova abolição”, declarou o Senhor Ministro Clemente Mariani. “Obra da maior relevância nos destinos do país”, disse, por sua vez, o Senhor Presidente General Eurico Dutra. Os professores e professoras, que tenham aceitado os encargos da regência de classes supletivas, e que, nelas, vão realizar essa grande cruzada cívica, fazem jus ao agradecimento de tôda a Nação.

Departamento Nacional de Educação, SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 2 de abril de 1947.

39. As experiências de ensino supletivo para adolescentes e adultos já realizadas em nosso país, como em muitos outros, têm demonstrado sua eficiência e enormes vantagens, quer do ponto de vista individual dos alunos, quer do ponto de vista social. A grande Campanha, que ora se desenvolve em todo o Brasil, não é apenas realização de técnica pedagógica, mas, sobretudo, *obra de entusiasmo patriótico e de elevada compreensão humana*. “A campanha de Educação de Adultos é uma nova abolição”, declarou o Senhor Ministro Clemente Mariani. “Obra da maior relevância nos destinos do país”, disse, por sua vez, o Senhor Presidente General Eurico Dutra. Os professores e professoras, que tenham aceitado os encargos da regência de classes supletivas, e que, nelas, vão realizar essa grande cruzada cívica, fazem jus ao agradecimento de tóda a Nação.

Departamento Nacional de Educação, SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS, 2 de abril de 1947.